

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis á entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

Anno ou 52 numeros, 2\$500 réis; Semestre ou 26 numeros 1\$500 rs.; trimestre ou 13 numeros 700 rs.; avulso 60 rs.

— ANNO II—24 DE SETEMBRO DE 1882—N.º 31—

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros, 7\$000 réis; semestre ou 26 numeros 4\$000 rs.; trimestre ou 13 numeros 2\$000 rs.; avulso 200 rs.

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. Lino & Faro, Rua do Ovidor.

SUMMARY

GRAVURAS:—A carta ao namorado. A' hora do deitar. A donzella do ramalhete. A maldição do cantor.

TEXTOS:—Actualidades, por Urbano de Castro. As nossas gravuras, por P. C. Horas d'ocio. O grotesco, por Carlos de Moura Cabral. Rosicler, por Affonso Vargas. Victor Bastos, por Julio Cezar Machado. D. Evorina, por Luciano Biart.

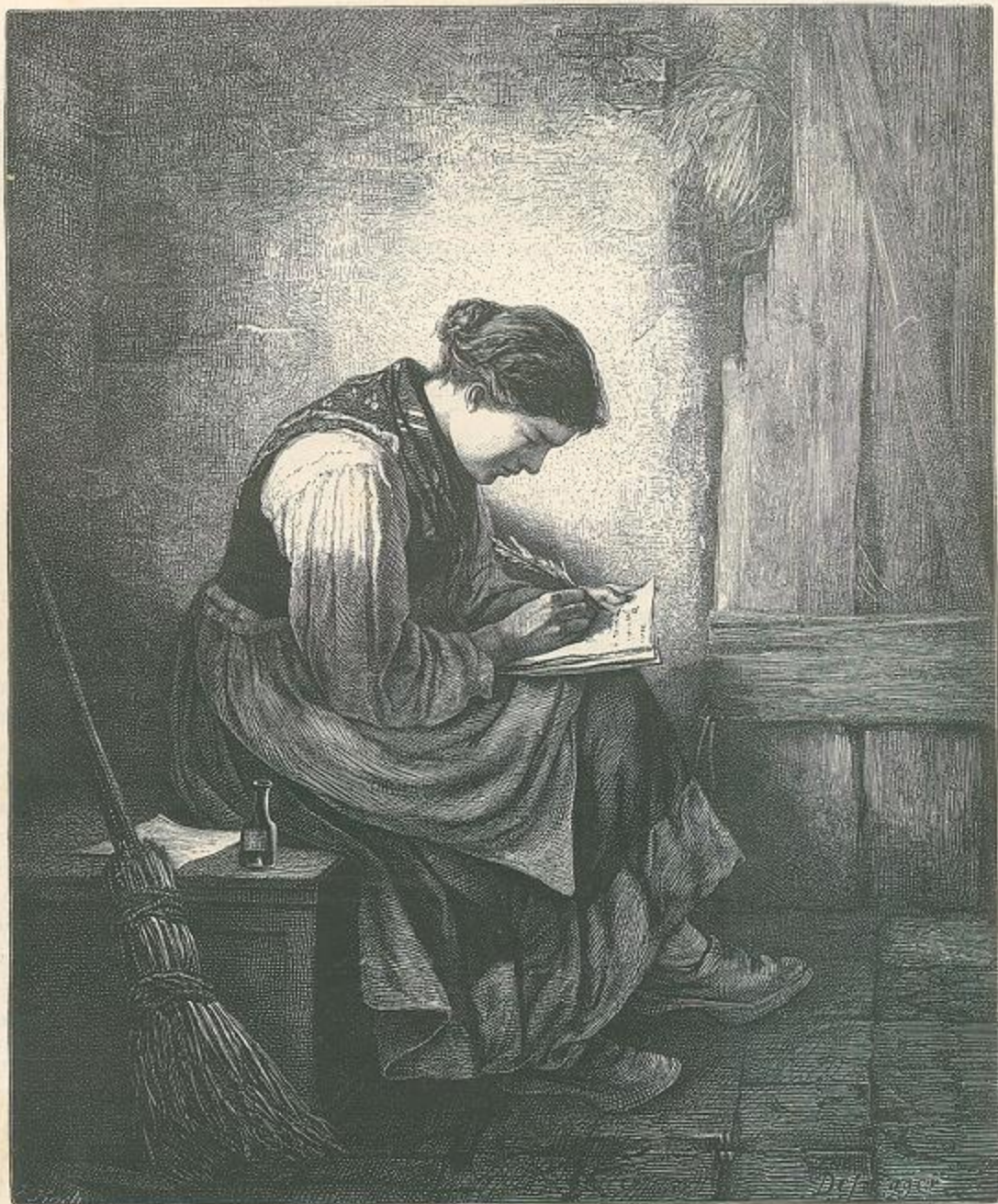
ACTUALIDADES

Recebi um d'estes dias um volume de poesias de Narcizo de Lacerda—*Poesia do Mystério*.

O leitor, se um leitor tem obrigações, corre-lhe a de conhecer este nome. Narcizo de Lacerda é o auctor dos *Canticos da Aurora*, adoravel livro de versos que teve as honras de merecer os elogios de Camillo Castello Branco, João de Deus e Silva Pin-

to—, tres espiritos de eleição que não usam queimar incenso á porta do primeiro *parvenu*.

Como se esta distincção não fosse sufficiente para exaltar os meritos do livro, Ruiz Aguilera, o notabilissimo poeta que a Hespanha por muito tempo cho-



A CARTA AO NAMORADO

ará, traduziu para castelhano alguns formosíssimos sonetos de Narciso de Lacerda, acompanhando a tradução de palavras amabilíssimas para o moço poeta português.

Resumindo o seu juízo crítico diz Ruiz Aguilera:

«Es en suma Lacerda un poeta revolucionario que, dejando dormir em paz sobre sus laureles a griegos y romanos, respira en plena atmósfera del siglo XIX, no esterilizando sus peregrinos dotes y fuerzas varoniles en exhumaciones de ideales y formas de tiempos que pasaron.»

E, contudo, a verdade é esta: Narciso de Lacerda, apesar do seu extraordinário talento poético, apesar d'este talento ter sido celebrado por Camillo, por João de Deus, por Silva Pinto, por Aguilera, por Alexandre da Conceição, por alguns mais—é, na immensa familia dos que cultivam as Muzas—dos menos conhecidos, dos menos fallados, dos menos apregoados.

Em quanto versejadores de merito muito contestavel figuram quasi diariamente nas columnas dos jornaes, que não deixam nunca de lhes engrinaldar os nomes com os mais formosos adjectivos—o notavel poeta F, o distinctissimo poeta M, o eminente poeta C—, Narciso de Lacerda, sem amigos no noticiário, raro encontra a mais simples referencia ao seu nome: os seus formosíssimos versos, mais raro ainda, obtem as honras de uma transcrição.

E não se julgue que estamos movendo censuras aos que nas folhas diarias tem a seu cargo a parte litteraria. Não. Nascido de Lacerda é, pôde dizer-se, o culpado unico d'este silencio que se estabeleceu em roda do seu nome. Vivendo mezes seguidos em Lisboa, tem a habilidade de não conhecer, talvez, tres jornalistas!

Isto, n'uma terra, onde não ha ninguem, por me-nos relacionado que esteja, que não conheça... tresentos.

Depois, creio que ao publicar um volume de versos, tem a ingenuidade de o não offerecer senão aos escriptores pessoalmente seus conhecidos. Ora, como esses escriptores são, calculando á farta, cinco ou seis—segue-se d'aqui que o livro não encontra nunca na imprensa o acolhimento a que tem jus—pela simples razão de que os jornalistas não chegaram a pôr-lhe a vista em cima.

Este constante fugir ao mundo, este retrahimento de relações, se é precioso, por muitas razões, ao espirito do poeta, e estamos que o deva de ser,—prejudica-o n'isto a que se chama a voga—ser fallado todos os dias, figurar nas columnas dos jornaes, apregoados nas mezas dos botequins.

Mas, em que peze a Narciso de Lacerda, a voga, por mais que elle lhe fuja, por mais que elle a evite, por mais que teime em esconder-se-lhe,—ha de apanhar-o. A phrase é de uma chateza rara, mas salva-o um merito igualmente raro: ser a expressão da verdade.

Sim, a voga ha de apanhar-o, quer elle queira, quer não.

Porque ella, a voga, tem esta particularidade: ha pessoas que passam toda a vida a fazer-lhe corte, a requestal-a, a emprehender-lhe a conquista, e, afinal, não a conquistam nunca—outras, ao contrario, tem por ella a maior indifferença, não dão um passo para a possuir, nunca sequer pensaram n'ella—e, um bello dia, acham-se na sua posse.

Ella é feminina—a voga. Não admira por isso que se pareça com certas mulheres que se furtam ao amor de quem as requesta, para se entregarem nos braços de quem nunca as amou. Caprichos de fe-meas!

Mas, faça-se justiça á voga. Ella procurando, como já principia a procurar, Narciso de Lacerda não se mostra caprichosa—revela-se atilada.

Querendo ella dispensar os seus favores a um poeta, a quem melhor poderia dispensal-os do que ao auctor d'estes esplendidos sonetos da *Poesia do Mystério*?

O Verme

I

Ao cahir d'uma tarde amena e pura,
Quando eu vagava dos pinhaes á beira,
Vi um cão, entre as urzes da ladeira,
Morto, e prostrado sobre a terra dura.

De ignobeis animaes uma onda impura
Lenta o despia da feição primeira...
Assim os curtos golpes da ceifeira
Vão destruindo a seara já madura.

Era na quadra flórida e sádica,
Em que á terra gelada o sol envia
Novo calor em luminosas flechas...

Oh! quando o céu é azul, e a vida é bella,
Quem dirá que na luz de cada estrella
Se esconde a morte a suspirar endechas?...

II

E os vermes no roer cadenciado
Punham tal harmonia e movimento,
Que parecia haverem concentrado
A energia n'um mesmo pensamento.

Apartei os meus olhos d'esse lado,
E embestia-os no azul do firmamento,
Como um homem que lucha e, fatigado,
Pára, e renova o primitivo alento.

Então pensei nas forças mysteriosas
Que sustentam o sol e a nevea fria
E as coisas vis, e as ancias tormentosas

Que vão perder-se em ignorado rumo,
Como as phalenas ao romper do dia,
Come as viagens que emprehende o fumo...

III

Já muito além da enorme serra
A purpura da tarde ao mar descêra;
E eu disse: Ó radiações da primavera,
Longe levae a dulcíssima harmonia!

Que importa ao verme a luz que o allumia,
A flôr que surge, a dór que nos lacêra?
Aos olhos d'elle a podridão sombria
Resume tudo o que o destino gera.

Mas, se o destino é Deus, e rege o mundo,
Porque é que nos envia o torpe e o immundo,
E accende os astros sobre tal horror?

—Quando este grito o echo repetia,
Já muito além da enorme serra
Baixava ao mar a estrella do pastor.

IV

Depois, como eu ficasse revolvendo
Na mente anciada o nebuloso arcano,
Veio toldar o meu desejo insano
Um mysterio maior e mais tremendo.

Então parei, a esphinge conhecendo,
Que tem por nome—o coração humano,
E em cujo seio,—illimitado oceano,
A sonda eternamente irá descendo.

E n'esse abysmo ameaçador e escuro
Lembrou-me o verme ignobil, baixo, impuro...
Mas, quando a absorta idéa n'elle puz,

Vi-o brilhar, das trevas emergido
Como um pharol... Assim no colorido
A sombra faz sobresahir a luz.

Mas ainda agora reparo que se me foi todo o espaço consagrado á chronica. Sinto, tanto mais que muito me restava ainda a dizer do poeta e da sua obra.

URBANO DE CASTRO.

AS NOSSAS GRAVURAS

A carta ao namorado

Dependo a fiel vassoura ao canto da casa, a boa da rapariga, forte e trabalhadora, *sãzinha*, como dizia das filhas um titular português, pegou com as mãos callosas na sua penna de pato, aparada um pouco grosseiramente, e principiou a tarefa de escrever ao seu namorado. Evidentemente não está costumada a esse trabalho, os dedos agarram na penna como quem agarra n'uma vassoura, e o papel está collocado de modo que será milagre se as linhas lhe não saírem tortas. Começa emfim, suando a bom suor, e d'esta fôrma se explica:

Meu crido Zé

Eistimarei cEestas duas reguas te bão haxar de prefeta saHude, eu ká bou handando questa lida da casa cEstá qada bez más assrapantada. Mas podes quer ce sou senpre a mesma, e comeu qoraxão é da tua pessoa abasta dixer qas vezes, cando malembro de ti xoro tanto canté me caiem as lagerimas nu refugado, canté a patrona diz cestá salgado. A ana da regeira dis ce tu mangas cumigo, e ce qasas mazé coa Madanela caveza muito bago, maseu é ce saqela galinha xoca se matrevesa harrancolhe us oLhos i más a ti qeu vem sabes senpre fui tuámi-ga i nau poço paçar cem a tua pesoa lá está a patrona a xamar ce nem huma pesoa pode esqrever duas reguas. Desta tua amiga do qoraxão

Catrina

A hora do deitar

Ha duas horas encantadoras na existencia das mães: a hora em que as crianças se deitam, a hora a que se levantam: horas de riso, horas de alegria e de infinito enlevo. A pequena mais velha essa a custo conseguem deital-a. Quando se apanha despi-da, salta para o meio do chão, e ella ahi corre de pés nus pela casa fóra, fugindo da mãe que procura agarral-a, que finge zangar-se, enquanto ella, com a sua camizinha que deixa ver as carnes rosa-

das e macias, se esconde detraz da cama, e faz negações ao bebê, que, não podendo andar ainda, dobra o riso, ao ver as correrias da irmã, sacode a roupa, sapateando com os pés nos lençóis, tomando o peito da mãe, e deixando-o logo em seguida para voltar a rir-se, e a agarrar nos pés, e a dar estalinhos com a boca, e a dizer n'um longo syllabar delicioso: «Pa...pá, ma...mã,» as duas únicas palavras que sabe, e que encerram para elle todo o seu mundo, como é elle também o mundo todo para a mãe e para o pae que o estremecem.

Emfim cançada de brincar, de saltar, de correr, de rir, a pequena mais velha é perfeitamente fulminada pelo somno e cõe de bruços sobre a cama, ou de costas no travesseiro, e, se está ainda meio vestida, deixa que a dispam, sem o sentir sequer. O «bebê,» depois de fazer muitas negações ao seio tentador, acaba por empolgar-o a plena boca, e ou adormece assim, ou largando o seio, elle proprio se acalenta até adormecer igualmente. Então a mãe contempla-os largamente, enlevada, ergue-lhes a roupa para ver se alguma coisa os incommoda, os molesta, beija-os repetidas vezes, cobre-os, agasalha-os, accende a lamparina, a doce e melancolica veladora do quarto solitario, e adormece também emfim, com um dos braços passados por cima do bebê, prompta a acordar ao mais leve estremecimento.

Não se ouve então senão o manso respirar d'aquelles tres entes adormecidos, e ligados entre si por tão intimos laços, mas quem prestar o ouvido a esses murmurios vagos, a esses vagos zumbidos que encham o silencio nocturno, ha-de sentir como que um vago bater de azas, ha-de ver como que uns vagos clarões... São as azas luminosas dos serafins que passam, e que volteiam, em torno do berço das crianças, como que fluctuando no bafejo das mães, como voejariam em torno das estrellas, nas azas balsamicas das virações do Empyreo.

A donzella do ramalhete

É um quadro bonito, que não precisa realmente de legenda explicativa. Acham-se em presença na tela do pintor, e no papel da gravura que é copia do quadro, uma rapariga bonita e um ramalhete de flores aromaticas, que ella respira com delicias. As flores com o seu fino perfume, as formosas raparigas com a sua fina gentileza ligam-se bem naturalmente, e é uma idéa que ocorre naturalmente a todos os pintores o de approximar das rosas que florescem n'um rosto encantador as rosas que florescem n'um jardim delicioso. Foi o que fez o nosso homem. Que outra explicação precisam? As flores são poemas que não necessitam de commentarios, e as únicas notas, que se podem pôr a esse bonito frontespicio de uma obra encantadora, que se chama o rosto de uma rapariga de quinze annos, são... Deus do céu, como havemos de dizel-o? são... são beijos! Essa é que é a verdade.

A maldição do cantor

O poeta Luiz Uhland, que morreu em 1862 em Tubingne, a sua cidade natal, com 77 annos de idade, era, como é sabido, um dos chefes da escola romantica allemã. O casto e nobre espirito germanico raras vezes se reflectiu n'um espelho mais puro do que os seus poemas, onde canta os cavalleiros, os bardos, as fadas, os velhos burgos, as ruínas do seu Wurtemberg. Mas, apesar de se engolpar no gothico passado, foi homem do seu tempo, e cantou

tambem a liberdade, a patria, os direitos de todos.

Entre as suas mais celebres poesias figura esta de que vamos dar uma pallida idéa n'uma versão em prosa, e que tão bem inspirou o author da gravura que a acompanha:

«Em antigos tempos coroava um castello estes pincaros soberbos: dominava a terra e as vagas rugidoras, enlaçavam-n'o n'um cinto de flores os balsamicos jardins, e o cantico das avesinhas confundia-se com o vago sussurro da folhagem inquieta, e com os longos choros das fontes.

«Victorioso e ufano dos seus vastos dominios, habitava um monarcha dentro d'estas altivas muralhas. A sua fronte tenebrosa espalhava o terror em torno de si, liam-se nos seus olhares as sentenças cruéis e sempre imminentes, e a luz vermelha do assassinio como que lhe ensanguentava os discursos e os folguedos.

«Um dia pozeram-se a caminho dois menestreis, com o intento de amaciar este coração selvagem. Um d'elles, encanecido pelos annos, mas vigoroso ainda, esporeava um corcel negro, o outro, um loiro mancebo, de aspecto meigo e humilde, seguia a pé o seu velho companheiro.

«Meu filho, disse o velho, está n'isto empenhada a nossa gloria. Implora o santo teu padroeiro, procura lembrar-te bem dos nossos canticos mais suaves, meu filho; prepara-te, e pensa que durante seculos sem conto, affrontará impunemente o nosso nome as sombras do esquecimento, se podermos achar o caminho do coração do rei.

* *

«Apinhava se a turba resplandecente, no meio dos vapores aromaticos do sandalo sombrio como os fogos do polo boreal, appareceu no seu throno o monarcha supremo. Ao pé d'elle, benevola e meiga, brilhava a rainha como o meigo esplendor da lua que vem nascendo.

«O velho preludiou. Os seus dedos firmes faziam jorrar das cordas do instrumento as notas em rhythmos inspirados. A esses graves accordes, com suas ondas de harmonia, como o anjo da tarde aos canticos sagrados, juntava o discipulo a sua voz audaciosa e pura.

«Pallido de commoção cantava agora a Idade de ouro, logo a primavera e as graças da mulher, cantava a virtude e a dignidade da alma, tudo o que faz arder a santa chamma dos corações, tudo o que accende um nobre amor nos espiritos.

«Cessou o cortejo de motejar e de sorrir-se, o guerreiro insolente curvou perante o Deus do céu a sua fronte altiva. A rainha, essa sentiu-se oppressa por um delirio de dôr e de alegria, e com a mão convulsa arrojou aos dois cantores a rosa do seu seio.

«Seduzis minha mulher, e fascinais-me este povo imbecil, disse o rei furioso e a tremer todo. A sua espada sulcou os ares n'um relampago, e o pobre moço cahiu; do seu peito brotou, em vez de célestes accordes, uma torrente de sangue.

«O triste auditorio, ao ver apparecer esta procella inesperada, fugiu como um rebanho de tímidos animaes, o mancebo expirou nos braços do seu mestre. O velho envolveu-o silenciosamente nas pregas do seu manto, pô-lo em cima do seu cavallo, e abandonou o castello.

«Mas quando se viu diante da porta exterior, parou, tomou nas mãos o seu instrumento divino, a

sua harpa sem igual, e despedaçou-a de um impeto nos angulos de uma pilastra, depois com ameaçador aspecto estendeu o seu braço para o antro do tyranno.

* *

«Cáia sobre ti a desgraça, caverna despiedosa! Que nunca te encante uma doce canção! que nos teus muros qualquer rumor se transforme em lamento, até ao dia em que o tempo prostrar sobre a areia, essas tuas infames ameias sobre as quaes hade pairar com as suas negras azas o espirito de vingança.

E tu jardim resplanlecete, o aspecto d'este cadaver de lividas palpebras ha-de murchar as tuas flores e seccar as tuas aguas solitarias, e a pouco e pouco sobre ti ha-de estender o deserto o seu árido manto.

«E sobretudo, desgraçado de ti, assassino do poeta! Nunca te cinja a fronte uma corôa de gloria! Levante-se a perseguir-te implacavel o odio mais sombrio! Sê maldito! Que nem o teu nome te sobreviva, e que seja como um d'esses rumores vagos que a tempestade arrasta.

«Calou-se e o céu castigou o assassino! O palacio agora não tem pedra sobre pedra. Como para attestar a sua primitiva riqueza, levanta-se ainda uma columna intacta, que amanhã talvez esteja prostrada.

«Aos jardins succederam as áridas charnecas. Nenhuma arvore espalha alli a sua fresca sombra; os riachos suspenderam o curso das suas limpidas aguas, e banido das velhas balladas, em que se cantam os herôes, não encontrou nem um só echo o nome do rei maldito.

P. C.

HORAS DE OCIO

Logogripho

Quem ha que me não peça?...
Sou perfumada e oriunda
Di lá;
Mas cortem-me a cabeça...
E eis a tua filha immunda,
Zola!

VASCO.

Cryptographia

Achar o verdadeiro sentido da seguinte declaração, sentido que será expresso n'um verso hendecasyllabo.

Santos, 20 de setembro de 1882.

*Eu aqui nunca digo mal; não quero
que me accussem de maledicente*
Prudencia.

JUANITO.

Metagramma

Prior teve em Portugal
Deusa foi na Grecia antiga
Nunca paga o bem com o mal
Mas na Italia ha-de ter briga.
E' de loiça ou de metal
Sendo fino, a quanto obriga!

LEÃO DE LOBO COELHO.

(Ilha do Corvo).

O GROTESCO

Era tão feio, tão feio... Se às vezes o pobre homem sahia de casa arrastando a sua perna coxa, carregando com todos os seus aleijões, para ir beber

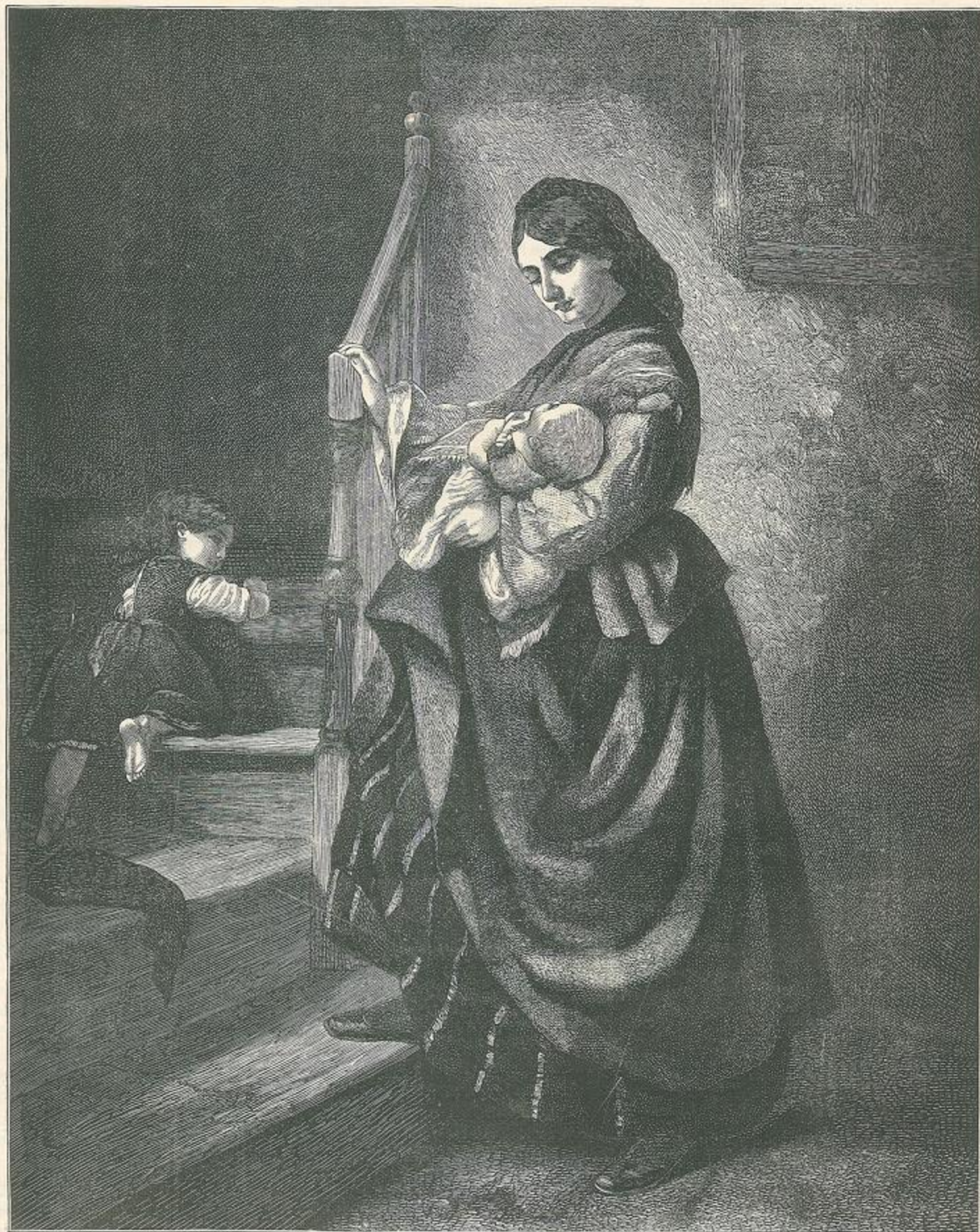
—Ate lgo, mãe! e abraçõ a boa velha, que tanto o estremecia, a unica que o acariciava, que comprehendia quanto coração havia dentro d'aquella figura grotesca e brutal.

E foi pelo campo fõra invejando as avesitas que

Parecia que a natureza fizera d'elle uma ironia para castigo da vaidade humana.

Sentou-se a descansar e adormeceu.

Já ia cahindo a tarde quando viu a necessidade de regressar a casa.



Á HORA DO DEITAR

um pouco de ar, deliciar os olhos n'uma nesga do azul, aquecer se sob um sol amigo e bemfeitor, tinha que atravessar as viellas mais obscuras para se escapar ao rapazio que, inconseiente, o apupava como se a sua presença annunciasse desgraça na terra.

Mas o dia estava tão lindo...

voavam aos bandos chilreando os seus amores, as rosas que cresciam e desabrochavam á luz d'aquelle bom sol de maio.

Como tudo aquillo era feliz: as flores que se sorriam, os pardalitos que namoravam... E elle, o homem, o rei da creação, não podia sorrir, não podia amar...

A gente do trabalho voltava das suas ceifas, cantolando as canções da terra. Era preciso fugir-lhes, pensou o desgraçado. Se o apanhassem os garotos, filhos d'essa multidão laboriosa mas ignorante, iam passar um bocado divertido.

Mas cada vez se ouviã mais perto as vozes... Como fugir-lhes?

E ficou absorto, tremulo, amaldiçoando o mundo que o formára assim, a elle que nunca fizera mal a ninguém... E poz-se a chorar, encostado

Era tarde, muito tarde já, mas elle não se atrevia a avançar... começavam a chegar de braços enlaçados as raparigas e os seus namorados, as

Cruzes, cruces, cousa má! e benziam-se as velhas.

O rapazio travesso que vinha ás cabriolas, tou-



A DONZELLA DO RAMALHETE

a uma arvore, procurando esconder-se das gargalhadas e do desprezo d'essa gente estúpida, onde muitas almas, talvez bem peccadoras, passavam entretanto envoltas em carnaduras perfeitas e robustas.

velhas e os maridos, que o olhavam fazendo figas, dizendo-lhe cousas, injurias, porque o homem era o enguiço, o porte-malheur de todos elles; ceára por onde elle passasse não medrava, farnavam-se as rosas, desmanchavam-se casamentos...

reando com pedaços de canna os cães lazarentos que encontrava, achou-se de cara a cara com o infeliz que não poudo fugir a tempo de o evitar. Guerra! bradaram todos.

E cada um pensou n'uma judiaria, assobiando-o;

atirando-lhe pedras, batendo-lhe, como se elle fosse um cão damnado. Guerra, guerra! era o grito d'aquelles pequenos malcreados, que o mestre escola esperava, baldadamente, todos os dias. E elle defendia-se, mas só; ninguém punha o seu braço a livral-o; não, não, que elle era signal de desgraça...

E fugiu, fugiu, conforme poudes, emquanto atrás de si resoavam risos de troça, phrases grosseiras e obscenas. Doido, febril, correu para casa, disposto, talvez, a acabar com a vida, quando ao transpôr os umbraes do seu casebre, viu sentada á lareira uma pobre velha soluçando—porque era já noite e o seu filho ainda não tinha recolhido...

Quando elle entrou, com toda a sua disformidade, dentro da miseravel habitação, elle o horror de toda a aldeia, repellido, desprezado, insultado por todos e sentiu cahir-lhe nos braços os braços tremulos da boa velha, comprehendendo, enfim, que havia alguém no mundo que não o apedrejara, um coração que batia por elle.

—Oh, minha mãe, minha mãe...

CARLOS DE MOURA CABRAL.

VICTOR BASTOS

Haverá nomes cercados de tão brilhante celebridade como este, entre os artistas portuguezes do nosso tempo raros serão, porem, os que tenham a sua reputação fundada n'uma tão distincta selecção de suffragios.

O principal na vida dos artistas, assim como nas dos escriptores, não é ter muitos por si;—o numero não vale tanto, como a qualidade: e nada ha mais invejavel, do que, como o caso sujeito, a fama alcançada entre os verdadeiros apreciadores, por uma serie de trabalhos, n'um genero que não supporta a mediocridade; sustentada pela franquesa e hombridade do caracter, que communica ao talento o tom, altivo e livre, de quem se compraz no trabalho, e na diligencia de attingir ao sonhado ponto de perfeição, aspiração permanente das naturezas privilegiadas, para quem o gosto é tudo.

Conheço Victor Bastos de ha muitos annos; conheço-o do tempo de Metrass e de Collaço.—d'este mesmo Collaço, hoje nosso consul em Tanger, e que, muitas vezes, nas tardes de verão de 1851, conversando e brincando, fazia, por mil maneiras, engenhosas sempre, e de uma graça affectuosa e subtil, a caricatura d'elle, consoante á seriedade do seu temperamento e á austeridade das suas vistas, não só no que respeitasse á arte, mas á vida; porque Victor Bastos foi, sempre, e em tudo, profundamente serio.

Muitas vezes, em cavacos familiares e intimos se observava essa catadura sobranceira, que contrastava com a galhofa de uns, com a indifferença de outros, com o abandono descuidoso de tantos.

De Metrass mesmo, e de Collaço, a alegria era contida, delicada, sempre. Não será facil dizer, e nem talvez seja facil perceber bem, em que se distingua o riso da alma, do riso do corpo; isto é, o riso interior, do riso que vem ao semblante e que toda a gente vê. Vão lá explicar uns poucos de pontos melindrosos, essenciaes alguns, como seria o averiguarmos porque motivo seja o homem, de todos os animaes, o unico que ri: em que consista, de que provenha, e o que é que se torne preciso para constituir risivel uma coisa: se o que dá gosto a uma pes-

soa quando ella rir, vem do que se lhe represente ao espirito, ou, se, isto de rir, será simples phenomeno corporal, de que seja sufficiente dar uma explicação exclusivamente materialista: e ainda,—quando mesmo se tirassem a limpo taes averiguações—quaes as artes que possam admittir o risivel, e em que conta, em que medida, em que proporção,—a escultura, por exemplo! — possam admittir-o?!

Quantos teem já procurado responder a isto, deixando tudo como d'antes, porque sempre haja alguma differença entre procurar responder a responder, ou dar em resposta apenas o que baste para envolver a questão em folhado de methaphisica! Sem ser preciso recorrer aos padres mestres da primeira taboia da estante, o Platão, o Aristoteles, o Cicero, ou o Quintiliano, temos o nosso famoso compatriota spinosa, o grande judeu portuguez que tanto deu que fallar ao mundo, e o Hobbes, e o Kant, e o Hegel, e o Schopenhauer, e o Schlegel, e o Lamennais, e o Scudo, e o Laprade, e o Bernardes, e o Vieira, e o Filinto...

Metrass era um melancolico, e o que o matou foi talvez a viva sensibilidade da sua alma delicada, a paixão, o sonho, o azeite rapidamente queimado n'uma lampada sempre a arder: timido, elegante, coração de poeta... Como que desceu ao tumulo com elle parte da mocidade e da alma dos que o estimaram, em tanta maneira se estabelecera entre elle e os que o conheceram, elle, figura esplendida, e, os seus amigos, espectadores perdidos na sombra, um magnetismo reciproco... Fôra para Roma de vinte annos, correrá os estados do papa, visitara umas cidades e outras, todas ellas cheias de preciosidades artisticas, como é sabido; estivera na Toscana, estudara nas galerias de Florença, passára avidamente á Lombardia, correndo a visitar Padua, Ferrara, Veneza, bebendo alli na fonte pura o colorido, estudando o Tintoretto, o Veronezio, o Giorgione, e fazendo esboços dos melhores quadros, que, mais tarde, lhe serviam de recordações suaves d'aquelle periodo encantador da sua existencia de viajante, e lhe constituíam uma galeria de estudo, a que elle chamava a sua livraria classica...

Collaço, era um *gentleman*, um cavalheiro, um gentilhomem. Pertencia por algum modo á raça patricia dos grandes amadores. Era um artista sem as necessidades, os embaraços, os apuros de bolsa, os receios e terrores do que haja de vir, inherentes a quantos teem de fazer da arte o seu destino e o seu ganha pão. Dominava n'elle o genio poetico. Era como aquelles reis antigos, que, quando chegassem a morrer, enterravam consigo um povo inteiro; tinha mil pensamentos sempre elevados; mil existencias ideaes, mil graciosas figuras, com que, pela imaginação se prendia á vida, e que eram o seu séquito... Era um personagem aziatico, a resistir á baixa e ao Chiado! Parecia evocar os grandes espectaculos da vida oriental e do mundo antigo. Tinha, e tem ainda hoje apesar de consul, um quê phantastico. Percebe-se que a sua musa deva trazer na cabeça um turbante de cachemira da India e os dedos cheios de anneis com pedras da Golconda...

Victor Bastos era interessante e sympathico por uma organização completamente diversa; grande seriedade profunda, interior, fertil em audacias; contemplação grave dos homens e das coisas, dom poderoso de ver e de expressar; intelligencia aberta a todas as formas do bello; era um campeão entepido dos seus companheiros, fortalecendo-os para os commettimentos, animando-os quando fossem a per-

der coragem, admirando-os com enthusiasmo e fidelidade; afirmando, com uma franqueza rude e sincera, as suas antipathias e as suas convicções.

Ah! Era preciso coragem e força de vontade n'aquelle tempo para se ir de coração firme e tenção formada em Portugal a romper carreira de artista, fosse em que ramo fosse. Quanto mais sendo serio, direito, altivo! Portugal não é facil, para os talentos orgulhosos. Com os que tem, como se lá diz, deixando passar pela malha; com aquelles para com quem tem feito a vista grossa; com uns, a quem tem guereado pelo abandono; com os que tem esmagado pela indifferença, em não dar por elles ou em não os conhecer, atirando-lhes as cinzas ao vento, ... po-voar-se-hia um soffrivel pantheon!

Tudo isso, hoje, está, não, talvez, melhor; mas, um pouco mais facil. A publicidade dos jornaes auxilia os que se estreiam, presenteando-os com uma notoriedade subita, de que os interessadsos devem, de certo, por vezes, ser os primeiros a admirar-se senão a surpreender-se. Já não é possivel ter talento e ficar em duvida a esse respeito;—ou sem poder resolver-se a acreditar n'elle, em vista das contestações e das criticas, como succedia ha trinta annos!

Contava José Estevam, o caso de um homem conhecido seu, que obrigado, nos pontos de estar para se casar, a acabar de vez com uns amores que tinha; ao perceber que gostava já da noiva, mas gostava ainda da *outra*, quiz ter uma memoria d'ella, duradoura, visivel, palpavel, mas de que a esposa não desconfiasse. Como havia de ser?

Fez conferencia de amigos, homens entendidos, mestres em casos, sabedores e peritos nos lances da vida e do amor.

—Como hade ser? Perguntas bem; mas é difficil, é intrincada a crise!

—Uma memoria... Visivel, palpavel, duradoura...

—Ah! exclamou um. Achei!...

—Dise! Oh! dise depressa!

—Encommenda a um escultor o busto d'ella, recommendando-lhe bem que a idealise; um pouco phantasia: percebes? Feita deusa: entendes? Um estudo: já sabes? Achas bom?

—Acho optimo!

Largou o homem, sem demora, a tratar d'isso:

Mas...

Ah! um terrivel *mas*... —! Uma vez á cata de escultores, só lhe foi dado encontrar o professor Assis, e, esse ou não tinha tempo, ou não lhe inspirava a elle bastante confiança, ou não se atreveu elle a fallar-lhe por qualquer motivo; o certo é, que teve de encommendar o busto para Paris, enviando d'aqui, para o artista se regular como podesse, um retrato a daguerreotypo, com que a bella, em tempos, o havia presenteado.

Não! Não havia escultores em Portugal, quando Victor Bastos encetou carreira. Conhecia-se esse professor, Assis, da Academia, o qual tinha um Camões, que passava por ser o melhor que elle tinha e o peor que poderia ter... Um Camões, que elle concertava;—podendo passar por homem de talento se o quebrasse; mas, concertando-o, não. Fizera-o pelos modos, com a ideia de o mandar para a exposição de Paris: depois de completo, entendeu que estava curto; e, mandando-o sarrar pela cintura, acrescentou-lhe dois dedos. Foi a estatua a Paris, e regressou quebrada. Pediu ao formador italiano Christovam, que juntasse os bocados, e a compozesse. Ficava curta. Resolveu que se lhe acrescentasse mais dois dedos; e disse-se que ainda ficara curta outra vez! Tal ficou sendo a lenda, d'essa figura de

cabeça no ar, á espera de inspiração,—conforme ao estilo de mandar os poetas e os artistas olhar para as nuvens, a verem se passa algum passaro, que os inspire. Era aquelle, o melhor escultor do paiz.

Appareceu Victor Bastos, conhecido apenas como estudante distincto da escola de pintura, cujo curso completára, e estreando-se por um quadrinho, *Amor e Psyche*, representando um marujo a tocar guitarra, e tendo ao lado de si uma rapariga.

Preferira sempre a escultura á pintura; mas seguiu a segunda, por não haver em escultura cadeira vaga a que podesse aspirar.

Leccionava em Coimbra, na qualidade de proprietario da cadeira de desenho annexa á faculdade de mathematica, na Universidade, quando alli constou a morte do professor substituto da aula de escultura; e, resolvendo oppôr-se ao concurso, estudou comsigo mesmo! Pois que!? Com quem haveria de aprender?! E assim tratou de possuir-se bem do que seja a escultura, propondo-se reproduzir, sem aleijões, a natureza e a verdade. Deram-se seis mezes apenas para o concurso: e haviam decorrido tres, quando a Universidade deu fêrias; o moço artista teve tres mezes apenas para se preparar, e, todavia, dos tres Moisés que appareceram no concurso, o corpo academico approvou o de Victor Bastos,—o que não impediu que, por informações particulares, se dissesse, não estar elle apto para o logar a que se propunha, insistindo-se n'isso tenaz e extra oficialmente ..

Restavam, depois do concurso, deseseis dias antes da exposição de 1836, e elle aproveitou-os em fazer o baixo relevo. A Cholera Morbus, que constituiu uma das glorias d'essa exposição: no grupo superior, uma figura de mulher, velha e rugosa, de olhar sinistro e expressão feroz, arrastando outra mulher, que se extorce e se arrepela, extenuada, quasi desfallecida e espirante—o Cholera e a miseria,—sendo talvez a ideia do artista ao collocar-as no primeiro plano, fazer sentir que são sempre as classes pobres as que o cholera primeiro ataca, e as que, pela falta de recursos, mais facilmente succumbem;—do lado direito do grupo, uma mulher, que parece consolar, pela fé e pela esperança, os que não foram feridos pelo cholera, mas que choram os seus parentes ou as pessoas queridas de quem a morte os separou: é a religião;—do lado esquerdo, um grupo de gente, fugindo, mas debalde, porque, a longa foice da cholera está ainda quasi emminente por cima das suas cabeças...

A expressão a forma, a correcção das figuras, em que já se avistava e se sentia a magestade vigorosa da escultura, mereceram a este trabalho os louvores mais espontaneos e mais sinceros.

Proposto para substituto de escultura pelo corpo academico, que constituiu o jury; o conselho superior de Instrução Publica, que então era em Coimbra, continuou teimando em não approvar o concurso, dando por motivo não haver estatua alguma em pedra feita por esse candidato. Resolveu então não voltar a Coimbra, e pediu a demissão de professor de desenho da Universidade, que só lhe foi concedida, ao ir de novo a concurso, depois de innumeraveis difficuldades; havendo feito a esse tempo em pedra lioz a estatua colossal do conde das Antas.

Occupou-se toda a imprensa dos promenores d'esse concurso. Ja quando se tratara do ponto de estudo, que a academia dera para o concurso, se haviam tecido grandes louvores ao Moysés, de Victor Bastos, elogiando a simplicidade dos meios emprega-

dos, a attitudo energica do personagem, a magestade do typo, o estylo da roupagem, sem maneirismo e sem exuberancias; pela inauguração, porem, da estatua do conde das Antas, saudou-se em Victor Bastos um estatuario, um artista de verdadeira distincção, e o povo admirou com enthusiasmo essa estatua de um portuguez a um portuguez.

A imprensa, que se queixava sempre, de que, o estrangeiro que percorresse as nossas ruas, não podesse encontrar uma estatua que indicasse em nós o amor patrio, louvou a commissão que tão patrioticamente se desempenhara do encargo de erigir o monumento ao Antas; de uniforme de general; sobre a espada uma das mãos; a outra, afastando um manto; olhar e expressão de homem de guerra...

Houve, então, um momento de incitação e de esperança para os artistas portuguezes.

(Continua).

JULIO CESAR MACHADO.

SCENAS DA VIDA DO MEXICO DONA EVORNIA

POR

LUCIANO BIART

I

Tres mezes depois da minha victoriosa controvérsia com o professor Guilherme Bislugen, o qual avançara audaciosamente que Carlos Magno, fido de Pepino, o Breve, e neto de Carlos Martel, era alemão, o meu velho cliente Vivanco teve a ideia de festejar o meu anniversario natalicio,—21 de junho. Convidou-me para jantar, e eu sem lembrar-me do dia, acceitei. A' sobremesa, os tres filhos do meu hospedeiro—eu tinha salvado um de uma pneumonia, o outro de tosse convulsa, e tinha posto talas no braço fracturado do terceiro—appareceram carregados de flores, e o mais novo recitou em voz tremula uns versos expressamente escriptos pelo cura, um dos convivas. Este habito não existe no Mexico; mas Vivanco, tendo-me ouvido fallar das festas de familia no meu paiz, propoz-se dar-me um alegrão, recordando-m'as. E conseguiu o seu intento; ao ver as tres creanças que nos versos do cura me chamavam segundo pae, salvador, amigo, desatei a chorar e a soluçar. Passavam-me por deante dos olhos as mais suaves, as mais crueis e as mais enternecedoras lembranças: meu pae, minha mãe, a minha infancia, a minha terra, o exilio. O pobre Vivanco arrendia-se do que tinha feito; a mulher chorava, o cura chorava, os filhos, por sua vez, principiaram a chorar tambem.

—E' de alegria, disse-lhes eu abraçando-os; são lagrimas de alegria, meus filhos!

Puz-me a rir, bebi um copo de Xerez á saude: da sr.^a Vivanco, e limpei os oculos.

Pelas onze horas da noite, mandaram-me embora; eu fallava da Alsacia, das festas populares, de minha mãe, assumptos inexgotaveis. Acompanhei o cura. Tinhaos ambos bebido bem; discutiamos sobre a creação do mundo, e eu examinava scientificamente a dupla questão do diluvio e do homem ante-diiluviano.

—Que nos importa isso tudo? dizia-me o velho sacerdote; e em que havia a solução d'esses problemas de alterar o que existe? Ah! doutor, por que motivo os homens, que se apaixonam por tanta coisa inutil, não se hão de apaixonar pelo bem alguma vez?

N'esta occasião, despedimo-nos. O ar estava puro, agradável; a brisa atravessando os bosques de laranjeiras do Barrio-Nuevo, impregnara-se de perfumes. O pico de Orizava negro, agudo, parecia cobrir com a sombra a cidade, que lhe dormia aos pés! O ceu, de um azul escuro, estava semeado de innumerables estrellas scintillantes—satellites, planetas, cometas ou sóes. Pensando nas leis immortaes descobertas por Newton, leis em virtude das quaes todos os mundos gravitam em torno de um centro eterno, desconhecido,—pensando no tempo, no espaço, na materia, no movimento, phenomenos que delimitam todas as phylosophias,—reflectindo depois em que os seres animados que povoam o mundo podiam desaparecer sem que a força, que arrasta os outros, experimentasse a mais leve alteração, quando dei por mim, estava a repetir as palavras do cura.

Já perto de casa, avistei quatro ou cinco pessoas reunidas á minha porta, e batendo desesperadamente. Os vizinhos, despertados pela bulha, appareceram ás janellas. Apressei o passo, prevendo o nascimento de alguma creança, para terminar a minha noite.

—Até que enfim! louvado seja Deus! exclamou um dos do grupo, quando me viu. Doutor, venha depressa; Felipe Aceval acaba de ser assassinado.

—Dom Filipe Aceval! está sonhando.

—Oxalá que o estivesse! mas não estou; venha depressa, doutor.

Deitei a correr, passando quasi adeante dos que tinham vindo chamar-me. As ideias tinham-se-me baralhado, confundido. Filipe Aceval morto, assassinado! Onde? como? por quem?

Voltei a esquina da rua das Damas; cinco ou seis guardas nocturnos illuminavam com as suas lanternas uma poça de sangue já coagulado.

—Que fatalidade, doctor! disse-me um d'elles. São inuteis os seus soccorros; o golpe foi mortal.

—Quem o vibrou?

—E' o que desejamos saber.

Penetrei em casa da victima. O defunto tinha sido supersticiosamente estendido no chão e coberto com uma manta. Pedi luz, e ajudado pelos vizinhos, colloquei Filipe em cima da cama, rasgando-lhe o fato para desapertar-o sem perda de tempo. A' simlhança do filho do velho Toribio, morto havia um anno, o cadaver tinha uma grande ferida no peito do lado esquerdo. O guarda não se enganava; Filipe estava morto, bem morto.

—E' preciso fazer a autopsia, doutor, disse-me o alcaide, que acabava de chegar.

Eu proprio arranjei o cadaver na maca, em que devia ser transportado para o amphitheatro do hospital, e perguntei onde estava Dona Evornia.

—Está no quarto, respondeu-me a creada. Ah! doutor! foi ella quem abriu a porta e quem recebeu o marido quando o trouxeram para aqui.

—Desmaiou?

—Não, fugiu para o quarto; e lá está sem fallar, sem responder, e sem chorar. Mette medo.

Entrei no quarto, que me foi indicado, em que havia por unica luz o clarão vacillante de uma lampada que ardia deante da imagem da Virgem. Evornia, como é uso entre as senhoras do seu paiz quando

estão em casa, vestia uma camisa bordada e uma saia branca atada com um cinto de crepe da China encarnado. Sentada na cama, de olhos fechados, com o peito meio descoberto, segurava com os braços uma creancinha, que aspirava soffregamente o seio que a mãe lhe offerecia.

De pequena estatura, loira, clara, muitíssimo bem feita, Evornia passava por ser a mulher mais formosa de Orizava. Eu quasi que a tinha visto nascer; o pae morava n'uma casa perto da minha, e a pequena durante muitos annos vinha todos os dias admirar as minhas colleções de aves, insectos, quadrupedes, plantas, antiguidades, e principalmente os reptis, que eu dispunha em separado. Applaudi o seu casamento com Philippe Aceval, casamento de amor. O nascimento de um filho viera coroar a felicidade

tra vez na poltrona segurando com as mãos os braços do movel, e fechou os olhos sem se lembrar de cobrir o peito.

Disse-lhe algumas palavras, que Evornia pareceu não ter ouvido. O alcaide apresentou-se. Ao escutar o nome da auctoridade pronunciado pela creada, Evornia correu para mim, escondeu o rosto e apertou-me convulsivamente nos braços.

— O criminoso ha de ser procurado e punido, senhora, disse o alcaide em voz grave; por isso me responsabilizo eu. Sabe alguma cousa, que possa esclarecer a justiça?

— Nada! murmurou a viuva.

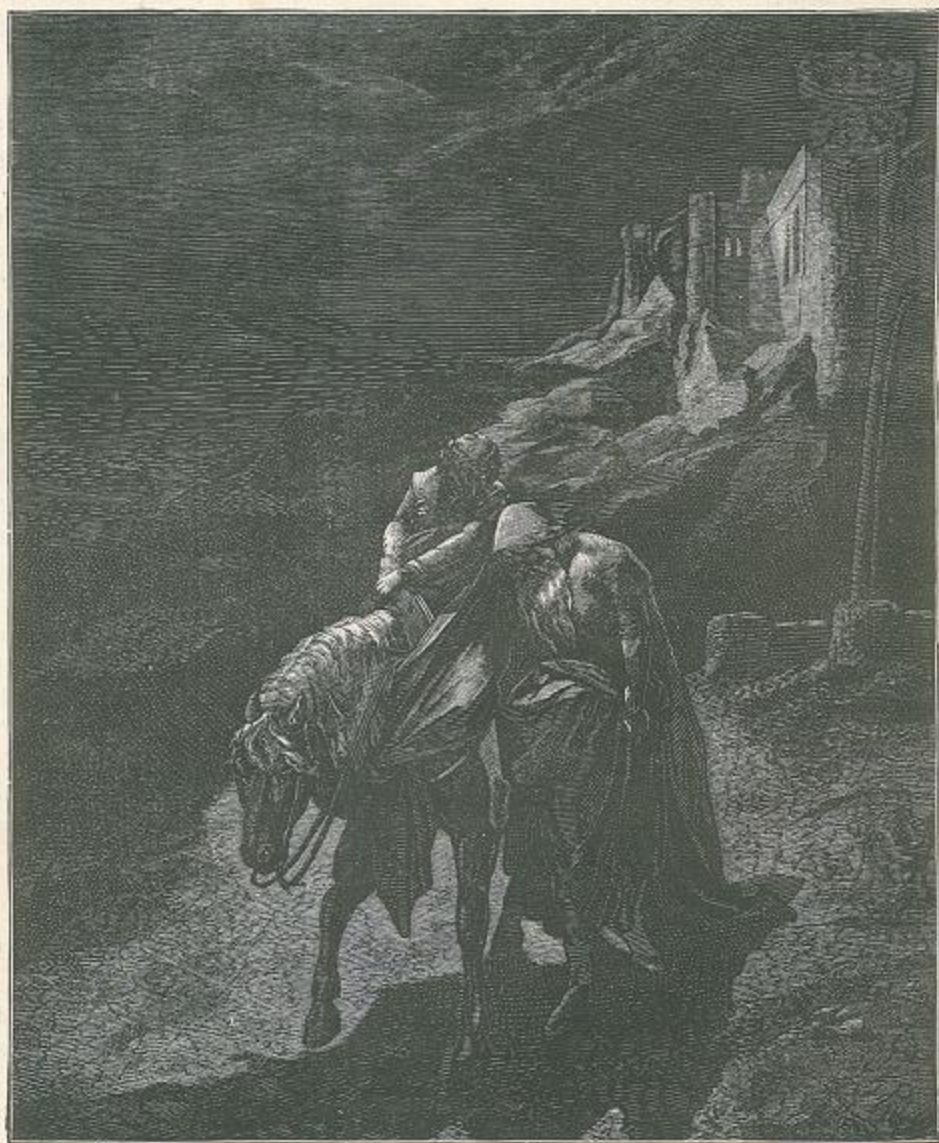
— Não desconfia de ninguém?

Recuando um passo, ia como que para fallar, mas baixou os olhos, viu as nodoas de sangue que lhe

do voltei, mais de metade dos meus insectos estavam partidos, estragados, dispostos n'uma ordem differente. Condemnei a auctora do crime a não sair da gabinete todo o dia, e fazendo a voz grossa fingi que me retirava, esperando que ella começasse a chorar e gritar. Um quarto d'hora depois, espantado com o silencio, entrei novamente no gabinete. A prisioneira socegada, entretida, completava pacificamente a sua obra de classificação, affrontando os castigos terríveis com que eu a tinha ameaçado.

Vendo-me entrar, Evornia cruzou os bracinhos e parou na minha frente com ar decisivo.

— Misturei os seus bichinhos, disse ella; a minha vontade era fazel-os voar; só assim o castigaria por ter sido mão para comigo: Agora pôde chamar a sua cobra cascavel; não tenho medo d'ella, nem de si,



A MALDIÇÃO DO CANTOR

d'aquellas duas creaturas, boas, bellas, caridosas, ricas, estimadas de todos, uma das quaes — o morto — contava vinte e seis annos, ao passo que a viuva tinha apenas dezoito.

Ao pé de Evornia estava uma visinha já edosa, que murmurava as suas orações.

— Minha filha! minha desgraçada filha! disse eu andando para Evornia.

O som da minha voz pareceu despertá-la. Evornia levantou-se; o vestido tinha varias nodoas de sangue. Os seus grandes olhos azues, tão meigos, tão ternos, tão vagos na expressão, brilhavam agora altivos, duros, interrogadores.

— Está morto? perguntou ella.

Fiz um signal affirmativo com a cabeça. Ella deitou o corpo para traz e estremeceu; depois collocando sobre o leito o filho adormecido, estendeu-se ou-

manchavam o vestido, e respondeu em tom breve, chegando-se muito para mim.

— De ninguém!

O alcaide fez um cumprimento. Apenas sahio, Evornia tornando a sentar-se na poltrona de que se levantara, cahiu novamente na sua mudez e immobillidade.

Deixei-a rodeada de mulheres, um tanto inquieto por causa d'aquella dor concentrada, silenciosa. Apesar d'isso eu bem sabia que no corpo de Evornia, franzino, delgado, encantador, encerrava-se um espirito energico e viril.

Um dia — tinha ella seis annos — quiz pô-la para fóra do meu gabinete, porque me era necessario sair; mas, como ella prometteu ficar com muito juizo e não tocar em coisa alguma, deixei-a em contemplação deante d'uma caixa de hymenópteros. Quan-

nem do seu crocodilo; são todos uns feios.

A endiabrada rapariga tinha inutilisado um mez de investigações; mas estava tão encantadora com as faces cor de rosa, os cabellos annellados, as ventas dilatadas, os beiços rubros, olhando para mim com os olhos muito grandes como os de minha mãe, que tomei-a nos braços, beijei-a e abracei-a. Pois não era eu o verdadeiro criminoso? Pobre Evornia! Vi-a ficar orfã; agora, eil-a viuva! Triste final para a noite, que Vivanco me havia proporcionado!

E n'essa noite, como sempre, a terra executou o seu movimento de rotação e de translação, sendo o equilibrio dos astros independente do equilibrio vital, ainda que a reciproca não seja verdadeira, porque nós experimentamos todas as influencia do tempo.

(Continua).